

Editorial

À GUIA DO EDITORIAL: ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A HISTÓRIA ANTIGA NO MEIO ACADÊMICO ATUAL

BY THE GUIDE OF THE EDITORIAL: SOME REFLECTIONS ON ANCIENT HISTORY IN TODAY'S ACADEMIC ENVIRONMENT

Marina Pereira Outeiro¹

Se a história é uma ciência em marcha, como defendia Marc Bloch, podemos afirmar o mesmo sobre o estudo da História Antiga no Brasil. A posição de disciplina acadêmica, conquistada em meados do século XX, foi resultado dos esforços de Eurípedes Simões de Paula – considerado o primeiro professor brasileiro de História Antiga e Medieval. E, desde então, os estudos sobre a Antiguidade percorreram uma trajetória marcada por avanços e reveses.

Mas talvez as linhas que compõem o editorial de uma revista acadêmica especializada em História Antiga possam ser um lugar seguro para afirmar que, atualmente, o referido campo de estudo “passa bem e respira” segundo a expressão da linguagem cotidiana. Afinal, é possível afirmar com significativa tranquilidade que “hoje, qualquer pessoa nas cinco regiões brasileiras, disposta a conduzir pesquisas sobre

¹ Doutora em História Política pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Mestre em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), especialista em História Antiga e Medieval pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e, em Estudos Culturais nos Currículos Escolares Contemporâneos na Educação Básica pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Antiguidade não ficará desamparada, desde que tenha acesso à internet”. Evidentemente que não se trata de ignorar a persistência de dificuldades que se impõem aos profissionais que optam por se dedicarem a essa temática, mas procuraram ressaltar a visibilidade por ela alcançada no âmbito acadêmico nacional.

Passada uma década desde a tentativa de sua exclusão do texto preliminar da BNCC de 2015 se percebe que a História Antiga vem conquistando (e mantendo) um notável espaço no meio historiográfico nacional. Por certo, não estamos diante de um mero e entusiasmado crescimento quantitativo das pesquisas dedicadas ao mundo antigo: novos temas, abordagens e metodologias estão contribuindo diretamente para a oxigenação disciplinar.

Entretanto, esse avanço qualitativo não obliterou basilar capacidade da História Antiga em despertar o pensamento crítico, aguçar o olhar para a alteridade e a profusão de experiências vividas pelos homens e mulheres da antiguidade. Nesse sentido, o oportuno questionamento levantado pelo coletivo de professoras e professores das regiões Norte e Nordeste em sua carta aberta: “afinal, como entender nosso mundo contemporâneo sem que observemos como ele começou a ser construído?”

E como não mencionar um dos atributos mais escamoteados da História Antiga: ser o período no qual o *homo sapiens* se fez humano. Afinal, foi entre esses séculos que a humanidade descobriu a escrita, aprofundou sua relação com o sagrado, transformou a arte e iniciou a marcha da ciência. O legado da Antiguidade, além de ultrapassar o tempo, venceu os limites geopolíticos e pode ser revindicado inclusive por nações como a nossa – duplamente separada dos gregos e romanos por oceanos de águas e tempo.

Todos somos, em alguma medida, herdeiros desse passado especialmente quando reconhecemos que diversos elementos das sociedades contemporâneas são consequências diretas (ou indiretas) das experiências vividas pelos homens e mulheres do mundo antigo. De acordo com Cláudia Beltrão e Jorge Davidson, “o mundo antigo está ao nosso redor, mesmo que não tenhamos consciência disso. Constitui a base da

nossa cultura, e o seu aprendizado é uma base muito rica para a compreensão das principais questões modernas e para a compreensão de nós mesmos”.

Considerando que a História Antiga, tanto por seus processos de renovação qualitativa e quantitativa quanto pelo instrumental reflexivo para analisar nosso passado comum, gostaríamos de mencionar algumas palavras sobre nossa pesquisa de doutoramento dedicada ao tema das mulheres na antiguidade.

Felizmente não se trata de um recorte inédito ou instável na corrente historiográfica, outrossim que alcançou consistência ao longo de mais de um século de produções acadêmicas produzidas por historiadoras e historiadores ao redor do globo. Com a visibilidade conquistada pelo movimento feminista o meio científico percebeu a necessidade de investigar a participação feminina na vida social. Como resultado, em contraponto aos tradicionais paradigmas femininos emergiram análises originais e dispostas a resgatar a participação das mulheres nas sociedades antigas.

Em nossa pesquisa de doutorado, estudamos as cuxitas a partir de sua representação na mitologia grega – e sobre como essa personagem foi repensada pela tragédia e cerâmica ática durante o século V a.C. Segundo a tradição, Andrômeda, filha de Cefeu, o rei dos “etíopes”, oferecida como sacrifício a um monstro marinho que devastava os domínios de seu pai, foi salva pelo herói argivo Perseu.

O século que testemunha a popularidade de Andrômeda entre dramaturgos e artesões também é o período em que a Grécia enfrentou e venceu o Império Aquemênida. Após os enfrentamentos militares, o conflito alcançou novas dimensões e passou para o campo discursivo, tomando proveito da discórdia que se instalava entre Atenas e Esparta.

Segundo o testemunho de Heródoto, Xerxes teria declarado que seu povo era descendente de Perseu e Andrômeda, buscando criar instabilidade entre Atenas e uma das suas principais aliadas – a pólis de Argos. Nesse sentido, a resposta dos atenienses artistas áticos seria revindicar Andrômeda como “bárbara de nascimento mas ateniense

em suas convicções” ao que Sófocles e Eurípides tornaram-na heroína trágica e os artesãos cerâmicos representam-na como uma ateniense bem-nascida.

Consideramos Andrômeda como ponto de partida para refletir sobre possíveis relações estabelecidas entre os gregos e os cuxitas – que nos textos do período clássico são chamados de “etíopes”. Conforme o *Liddell–Scott–Jones*, o termo *Aithiopêes* (Αἰθιοπῆες) significa “rosto queimado”, “etíope”, “negro”. Particularmente na obra de Heródoto, *Aithiopía* (Αἰθιοπία) designava o reino africano que a historiografia identifica como Cuxe. Na *Odisseia*, encontramos as primeiras referências aos cuxitas quando Homero menciona uma visita do deus Poseidon ao seu reino dos “etíopes” – ocasião em que receberia homenagens desse insigne povo.

Em ânios de contribuir para a multiplicidade dos estudos sobre História Antiga, entendemos que África Antiga pode ser investigada a partir da documentação clássica. O estudo das sociedades africanas clássicas desafia a perspectiva eurocêntrica que ainda reverbera no ensino de história ao colocar a África como berço da espécie humana e palco dos seus primeiros êxitos sendo “de primeira importância na recuperação da autoestima de um povo considerado incapaz de contribuir às ciências exatas, à civilização e à chamada cultura erudita”.

Evidentemente que não se trata de atenuar o passado no qual milhões de africanos e africanas foram vítimas do “holocausto da escravidão mercantil europeia”, mas antes produzir uma narrativa histórica que resgate o patrimônio cultural, figurativo e tecnológico que, desde a Antiguidade, as sociedades africanas têm ofertado a humanidade. Assim, nos posicionamos por um estudo história da antiguidade africana que desloque a África e seus povos da posição de receptores passivos dos avanços realizados por outros povos, para o papel de protagonistas da narrativa histórica.

Nesse sentido, nossa pesquisa foi centrada nas manifestações escritas e visuais do mito de Andrômeda, para refletir acerca da representação das mulheres da realeza cuxita segundo o olhar dos atenienses do século V a.C.

Reconhecendo que é possível produzir conhecimento histórico a respeito das antigas sociedades africanas a partir de documentação clássica e, assim, evidenciar as conexões socioculturais estabelecidas entre Cuxe e a Grécia, priorizamos os vasos de cerâmica decorados com imagens relacionadas ao mito de Andrômeda. Buscamos compreender as forças políticas que disputaram o passado e a imagem da princesa bárbara e como isso teria afetado sua representação como personagem trágica e sua imagem registradas nos vasos cerâmicos.

Nesta edição de tema livre da NEARCO os leitores encontrarão pesquisas da área de História Antiga e Medieval concentradas, respectivamente, nas sociedades babilônica, grega, romana e persa assim como estudos voltados para o cristianismo medieval da magia, escolástica e arte sacra.

Considerando os documentos encontrados em Al-Yahudu, Alexandre Galvão Carvalho e Iolanda Almeida Matos buscam contextualizar o Exílio da Babilônia e a formação da nova identidade dentre os exilados, no artigo *Novas perspectivas sobre o Exílio na Babilônia e a origem da bíblia*.

Analisando os testemunhos contidos na Primeira Epístola aos Coríntios, que revela como os cristãos da comunidade de Corinto envolveram-se com práticas de magia, Daniel Soares Veiga busca compreender como se deram as aproximações entre o militarismo e o sobrenatural, no artigo *Disputas por Autoridade na Igreja de Corinto: Batalhas Travadas no Campo da Magia*.

Na pesquisa *A Influência Aristotélica na Concepção de Ensino de Tomás de Aquino: A Relação entre Ato e Potência, Mestre e Discípulo*, Gustavo Felipe da Silva privilegia a análise das obras de Aquino e Aristóteles buscando identificar como ambas influenciaram o campo educacional durante o Medievo.

Tomando a cultura material como documentação histórica, Ivan Ducatti e Elizete Martins dos Santos propõem uma investigação sobre o legado etrusco por intermédio da cultura greco-romana no artigo, *Legados Etruscos na Itália*

Contemporânea: o Patrimônio Histórico e Cultural Como Fonte Primária para os Estudos Clássicos e Religiosos.

Buscando identificar o papel da poesia homérica na formação identidade helênica, Lucas Augusto Borlina argumenta em *Histórias em Comum: a Poesia Homérica e o Advento do Pan-Helenismo*, que Homero e o ciclo épico foram fundamentais para a criação de um sentimento de pertencimento a uma mesma comunidade cultural entre os povos da Grécia Antiga.

E fechando a edição, o artigo *De Aquiles “macedônio” a Alexandre, o “Romano”*: *as Representações Míticas de um Rei entre Fontes Greco-Romanas e Persas*, Rodrigo Nunes do Nascimento analisa o processo de deificação de Alexandre Magno a partir de suas representações nos textos literários greco-romanos e persas.

As pesquisas apresentadas nessa edição da Nearco, a diversidade de temáticas e metodologias, comprovam que a influência duradoura da Antiguidade se faz presente no meio acadêmico nacional e internacional. Entre avanços e tropeços, a História Antiga – assim como a canção do *Simple Minds* – permanece “viva e seguindo em frente”. Boa leitura!

Referências

Alive and Kicking. Charlie Burchill, Jim Kerr, John Giblyn, Mel Gaynor, Mick MacNeil In *Simple Minds*. Once Upon a Time, Virgin Records, Reino Unido, 1985.

BELTRÃO, Claudia; DAVIDSON, Jorge. *História antiga*. v. 1. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2009.

CARTA ABERTA DOS PROFESSORES DO NORTE E NORDESTE SOBRE A BNCC. Recife, 25 nov. 2015. Disponível em: <https://anpuh.org.br/index.php/bncc-historia/item/3149-carta-de-professores-do-norte-e-nordeste-sobre-a-bncc>. Acesso em: 8 nov. 2025.

NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.). *A matriz africana do mundo*. Vol. I. São Paulo: Selo Negro, 2008.

Introdução às antigas civilizações africanas In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.). *A matriz africana do mundo*. Vol. I. São Paulo: Selo Negro, 2008.

SANTOS, Dominique; KOLV, Graziele e NAZÁRIO, Juliano João. O Ensino e a Pesquisa em História Antiga no Brasil In: *Mare Nostrum*, ano 2017, n. 8, (pp.115-145). Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/marenostrum/article/view/138864>. Acesso em jun.2021.